

Rafaelly de La Conga Rosa

**Identidades de Fronteira & Corpos
Marginais:
território de violência e
combatividade**

Brasília
2017

Rafaelly de La Conga Rosa

**Identidades de Fronteira & Corpos Marginais:
território de violência e combatividade**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa.Dra. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez.

Brasília
2017

sumário

INTRODUZINDO.....	9
01.O CU DO MUNDO.....	11
02. DAS FRONTEIRAS.....	31
03. NA LINHA DE FOGO & NO SALÃO DE FESTA.....	45
04. ERRO: A CLASSIFICAÇÃO TAXONÔMICA NÃO PODE SER EFETUADA COM SUCESSO. CORPO ESTRANHO.....	64
FECHAÇÃO.....	75
BIBLIOGRAFIA.....	76

Yo sí quiero ser digerida, masticada, tragada,
deglutida y vomitada. Y quien pueda apreciarme
en ese mar de mezclas, apreciarme aún fuera
de uno, espero que sea capaz de entender que
cuando yo diga, talvez, yo no soy esa... me crea.
- Effy Mía

INTRODUZINDO

Esse trabalho é um amalgamado de questões e temas que borbulham e me atravessam. É um conjunto complexo de interrogações sobre meu corpo travesti, sobre arte contemporânea na América Latina, sobre teoria queer, patriarcado, identidade de fronteira e como tudo isso se atravessa no meu corpo e na minha prática artística. A partir de teóricos e, principalmente, artistas procuro dar sentido à essas questões e analisar como elas se dão no meu processo de criação, mais especificamente como elas se articulam com o trabalho fotográfico “Erro: A classificação taxonômica não pôde ser efetuada com sucesso. Corpo estranho.”, apresentado como trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais.

O primeiro capítulo trata de pensar os processos de colonização na América Latina e como esses processos afetaram as identidades de gênero não conformes. Também apresento as torções da teoria queer que vêm sendo feitas por artistas e teóricas para se pensar o queer desde uma perspectiva latino-americana.

No segundo capítulo trago a noção de fronteira como metáfora para aqueles que transgridem normas de gênero e sexualidade. Nesse capítulo imagino quem seriam os habitantes de fronteira e quais são suas problemáticas e potências, fazendo uma análise da fronteira em sua materialidade mas também enquanto espaço metafórico.

O terceiro capítulo é uma apresentação de trabalhos artísticos realizados com as Travas Elétricas e as Infeciosxs para discutir os limites e intersecções entre diferentes tipos de abordagens artísticas. É nesse capítulo que o leitor têm a chance de conhecer melhor meus trabalhos enquanto artista e compreender quais são os meus campos de ação.

Por fim, o último capítulo é dedicado a examinar a obra fotográfica apresentada no final de curso. Nesse capítulo exponho minhas intenções, falo do processo e das minhas motivações com esse trabalho.

Esse texto que você leitor encontrará é a tentativa de dar sentido discursivo para uma trajetória artística que se mistura com uma trajetória de vida. É um texto que não se basta e nem têm fim nele mesmo. É muito mais um espaço de indagação e perguntas do que um lugar com respostas.

01. O CU DO MUNDO

Não é nenhuma novidade que sexualidades desviantes e identidades de gênero não conformes têm um histórico de subalternização e marginalidade nas culturas ocidentais. Com uma rápida pesquisa nas ferramentas de pesquisa online temos acesso a dados assustadores dessa população em todo o mundo. Segundo a ONG Transgender Europe¹ a América Latina é a região com maior número de assassinatos de pessoas trans, sendo o Brasil o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Ainda vale lembrar que esses casos são subnotificados pela falta de acesso a informação e aos meios de comunicação por grande parte da população trans brasileira. Esses números mostram também apenas os casos extremos, da violência última que é subtrair a vida do outro, eles não mostram as transfobias diárias vividas por nós travestis e transexuais quando vamos à uma entrevista de emprego, ao tentar acessar os serviços básicos de saúde, ou simplesmente quando ousamos botar a cara no sol e habitar a cidade. Ser travesti e andar de dia na cidade é ter coragem de enfrentar uma enxurrada de olhares cortantes que se perguntam como uma travesti dessas não tem vergonha de se mostrar a público? Como tem a audácia de compartilhar o espaço público com as outras “pessoas de bem”? À nós nos é reservada a noite, a esquina e o silêncio. Mas antes de nos tornarmos essas criaturas pecaminosas para Igreja e doentes para Ciência, fomos deusas.

Estudos e pesquisas sobre a sexualidade e expressão de gênero das populações indígenas, tanto atuais quanto pré-coloniais, começam a ter seu espaço no debate acadêmico, contrariando aqueles que persistem em ignorar tais expressões ou considerá-las vícios ocidentais. Apesar da dificuldade de acesso à essas informações, que em sua maioria se dá em artefatos criados por esses povos (esculturas, cerâmicas e pinturas), existem pesquisas que evidenciam que antes da chegada do homem branco ao Novo Mundo diferentes populações ameríndias já tinham práticas homoeróticas e diferentes expressões de gênero, e em alguns desses lugares, inclusive, tais práticas eram divinizadas (MOTT, 2011, pág.84).

¹ Disponível em:
<http://tgeu.org/tmm-idahot-update-2015/> (acessado em 21/02/2017)

Poderíamos sim afirmar a existência da homossexualidade e transexualidade nas populações pré-coloniais, mas eu pessoalmente, não gosto de usar os termos homossexualidade, transexualidade e travestilidade quando falamos de população indígena porque são termos modernos que surgem de um pensamento eurocentrado que classifica esses sujeitos como outro, uma alteridade que emerge de uma visão que tem a cisgeneridade e heterossexualidade como normalidade. Dessa forma não faz sentido falar desses sujeitos usando termos que não fazem parte da sua própria gama de simbologias e significados, quando essas sociedades têm sua linguagem própria para falar de si e de sua cultura, inclusive de tais práticas sexuais. No caso brasileiro dos Tupinambá, por exemplo, os homens que fazem sexo com homens são chamados de tibirá, e as mulheres masculinizadas que se relacionam com outras mulheres são chamadas de çacoaimbeguira (MOTT, 2011, pág.89). A nomeação das coisas é de extrema importância porque é ela quem possibilita a visibilidade, aquilo que existe ou não, mas aqui o que é importante compreender é que desde os tempos antes da colonização europeia existem grupos e populações com um entendimento muito mais complexo sobre gênero e sexualidade do que se têm hoje, já que é recorrente uma constante patologização dos nossos desejos a partir de narrativas simplificadoras.

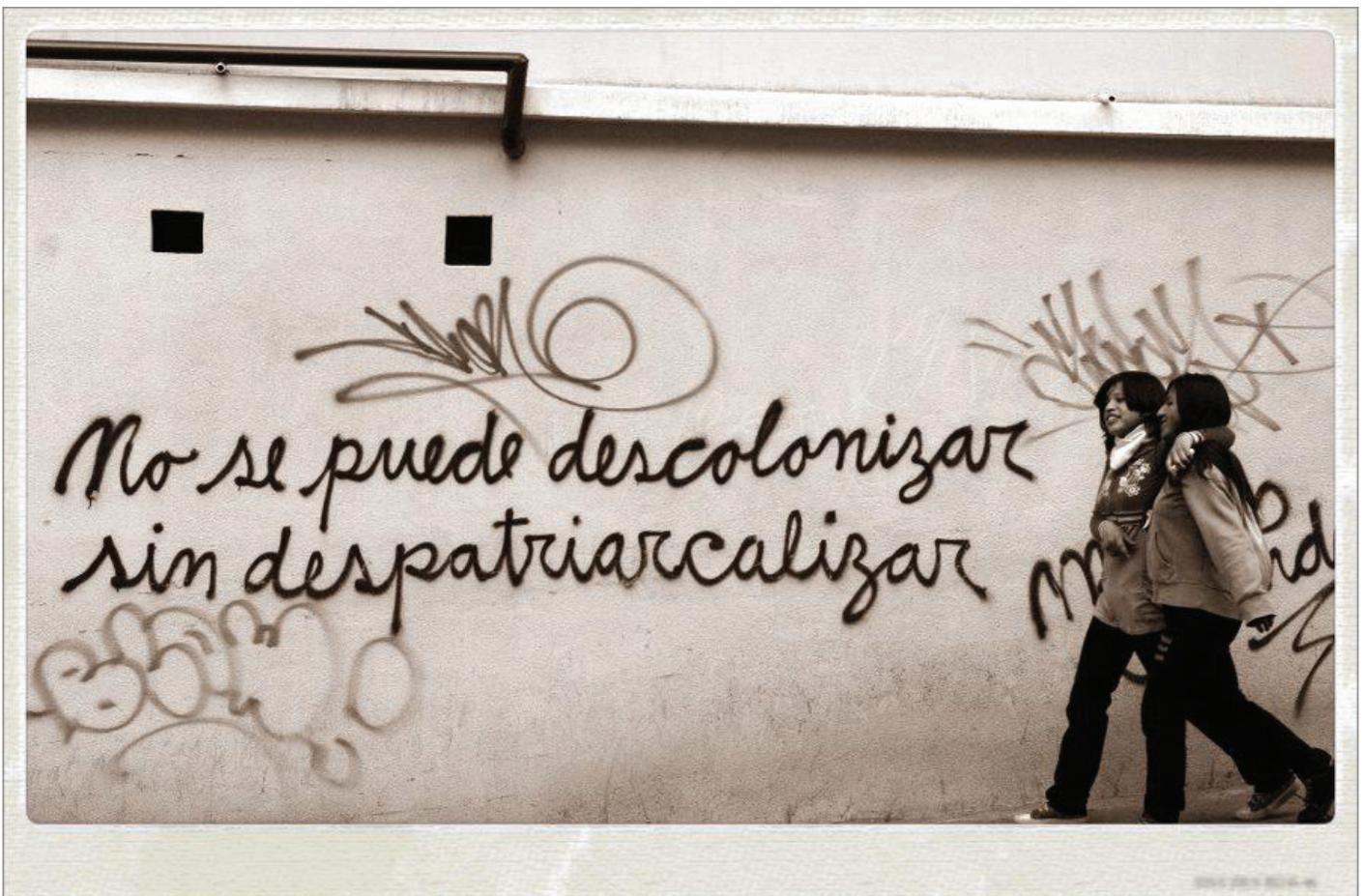
Os europeus chegam na América para usurpar e explorar, não somente os bens naturais que as “novas terras” oferecem mas também usurpar sujeitos e identidades. Para a dominação europeia sobre os nativos acontecer de fato era preciso subjuga-los, dizimando suas culturas e saberes tradicionais para implementação de seus próprios valores. Podemos, inclusive, afirmar que os primeiros indícios de homofobia chegaram junto com a colonização, já que a moral cristã europeia via as práticas sexuais dissidentes como abominável e nefando pecado de sodomia e condenava aquelas que as praticavam à prisão, exílio e todo tipo de tortura (MOTT, 2011, pág.87). A primeira travesti não-índia registrada na nossa história, Xica Manicongo, foi denunciada à Inquisição por usar roupas femininas e se recusar a atender pelo seu nome de batismo. Xica era escrava de um sapateiro em Salvador em 1591 e hoje é um símbolo de resistência nas lutas por direitos das pessoas travestis e transexuais. A história de Xica, e de tantas outras, demonstram como o pensamento cristão europeu se impôs violentamente nas Américas e cristalizou, até os dias de hoje, a visão de que nós travestis, lésbicas, byxas somos pecaminosas e imorais.

Segundo Maria Galindo, grafiteira, agitadora callejera e integrante de Mujeres Creando, é impossível descolonizar sem despatriarcalizar, afinal “o patriarcado foi intrínseco para a criação do mundo colonial: a subjugação da vida política

não-ocidental foi constituída, em parte, pela subjugação das mulheres” (GALINDO, 2013, pág.4). Galindo tem uma visão complexa sobre a relação patriarcado/colonialismo, criando um embate com as visões simplificadoras que afirmam que a dominação patriarcal chegou com os espanhóis e seus barcos. Não devemos criar uma visão idílica e ingênua de que antes dos colonizadores chegarem tínhamos sociedades igualitárias entre homens e mulheres, afinal sabemos de muitos relatos onde a relação homem/mulher era extremamente desigual e inclusive em algumas delas as mulheres indígenas eram vistas como mercadoria. Ademais o colonialismo também outorgou aos homens indígenas vantagens sobre as mulheres indígenas, e dessa forma o colonialismo implica uma aliança entre colonizador e colonizado em relação à opressão sobre as mulheres (GALINDO, 2013, pág.100). É importante compreender que o patriarcado não é simplesmente a discriminação sobre as mulheres, mas sim um conjunto de hierarquias sociais superpostas em que têm como eixo de organização social o privilégio masculino, ou seja o patriarcado é base da construção econômica, cultural e política da sociedade (GALINDO, 2013, pág.100).

fig. 1. Graffiti, Mujeres Creando.

fig. 2. Graffiti, Mujeres Creando.





Ni la tier

mi las n

ommos ter

de congo

tota,
mujeres

territorio

quistas

Mujer
Evo



PROCLAMO LA TRISTEZA DE LOS ALTARES

3



NO QUIERO MIRAR LA VIDA DESDE ARRIBA DE UN ALTAR

4



QUE DIOS SE QUEDE HUERFANO SIN MADRE, NI VIRGEN

5



QUE SE QUEDEN VACIOS LOS ALTARES

6

**NO QUIERO SER LA MADRE DE DIOS,
DE ESE DIOS BLANCO, CIVILIZADO Y CONQUISTADOR**



Após 517 anos desse “descobrimento” eu escrevo daqui. Daqui de dentro, daqui do sul, daqui do entre, da fronteira. Eu mulher, travesti, artista, louca, monstruosa, branca, *sudaca*², confusa, tento dar sentido a mim mesma em meio de tantos processos que perpassam minha vida. Tento criar minha autonarrativa acerca de um corpo que não se conforma. Tento entender e distorcer as narrativas que criaram para mim. Tento implodir as noções pré-fabricadas sobre o que é um corpo travesti. Tento abolir toda e qualquer verdade que se cria sobre mim. Não sei se consigo. Não é tarefa fácil, é um processo em que a cada dia devem surgir novas estratégias e rotas de fugas para não ser capturada e encaixotada. Não tenho certeza nem mesmo dos percursos que escolho para tal ousadia. Mas uma certeza, ao menos, eu tenho. E essa é a de acreditar na potência das irmãs.

A potência das irmãs é a força radical de transformação e mudança que existe a partir de alianças que vão sendo feitas ao longo da vida. Somos mulheres, byxas e transvestigêneres³ que juntas temos o poder de ajudar umas as outras para criarmos mudanças reais e efetivas no campo social, político e cultural. Essa rede de irmãs, para mim, é formada tanto por relações concretas e físicas como também por relações virtuais, ou seja, figuras que eu não necessariamente conheço pessoalmente mas que também fazem parte dessa manada pois são agentes mobilizadores e transformadores na minha construção de mundo. Essa irmandade de corpos e gêneros dissidentes cria uma rede de afetos radical e desobediente que desestabiliza a ordem vigente patriarcal e colonialista. Essas alianças, na prática, resultam na criação de diferentes ações e espaços, como por exemplo a realização de cineclubes, debates, festas, performances, e coletivas que contribuem para gestar nosso próprio conhecimento, nossas relações afetivas, nosso auto-entendimento, nossos amores e, por fim, nossa geografia transtornada terceiro-mundista.

fig. 3-7. La Virgen Barbie,
Maria Galindo, 2010.

² Sudaca é um termo pejorativo para referir-se aos Sul Americanos, por vezes entendido como sinônimo de Latino Americano. O termo vêm sendo apropriado por aqueles que assim são denominados como forma de resignificação e empoderamento desses indivíduos.

³ Termo criado por Indiana Siqueira que engloba travestis, transexuais e transgêneros. Indianara é puta, ativista radical pelos direitos trans e criadora do PreparaNem, curso pré-vestibular para travestis e transexuais.

“Somos índias, putas y lesbianas
juntas, revueltas y hermanadas”
- MUJERES CREANDO

Foi através de encontros e debates com amigas que conheci os trabalhos de Giuseppe Campuzano e Hija de Perra, duas irmãs que foram fundamentais para eu implodir o queer e pensar meu corpo travesti sob uma perspectiva *sudaca*. Não tive a oportunidade, e a honra, de conhecê-las pessoalmente, somente tive contato com elas através de seus textos, fotografias, arquivos, vídeos e depoimentos de amigos, mas mesmo assim elas se tornaram irmãs (talvez primas pela distância geográfica). Se tornaram parte desse grupo porque rasgaram minhas certezas cristalizadas e cômodas para abrir brechas à outras perspectivas sobre dissidências sexuais e de gênero e apontar para o Sul como orientação primeira, sem precisar do aval daqueles que falam do Norte para criarmos narrativas.

Giuseppe Campuzano (1969-2013) foi uma artista peruana criadora do Museo Travesti del Perú, projeto que teve seu início em 2003 e que é um misto de performance e pesquisa histórica que funciona como contranarrativa à história oficial do Peru, da qual travestis e andróginos passam a ser os atores centrais e sujeitos políticos dessa história. Nas palavras próprias de Campuzano o “Museo Travesti es un proyecto político que empieza por impugnar saberes para lograr dislocar poderes, trasladando a los andróginos y travestis de los márgenes al centro de la historia del Perú, como estrategia transformadora desde la memoria hacia la reivindicación social.”⁴ (CAMPUZANO, 2010).

⁴ Museo Travesti é um projeto político que começa por contestar saberes para desarticular poderes, deslocando os andróginos e as travestis das margens para o centro da história do Peru como estratégia transformadora da memória e da reivindicação social. (Tradução nossa)

fig. 8. Mulato maricón con gran traje de calle, Léonce Angrand em Museo Travesti del Perú, Giuseppe Campuzano.

fig. 9. Letanía, Giuseppe Campuzano, 2012.





O Museo Travesti del Perú vandaliza não só a história e a teoria clássica mas também a própria ideia de museu. Os museus são espaços que preservam a memória e criam narrativas, mas repetidamente reduzem distintas visões de mundo à visão ocidental e apresentam suas coleções como verdades únicas e absolutas. Campuzano não tenta representar nem integrar essas minorias aos discursos dominantes de progresso e felicidade, mas sim desarticular e transtornar esses lugares visibilizando os processos sociais que resultaram nessas construções de subjetividades. O museu de Giuseppe é um vírus nômade, que se aloja e se move entre os mais diferentes espaços, desde galerias tradicionais até feiras de rua e conferências universitárias. O acervo do museu é composto por obras de arte, objetos, recortes de jornal, performances, fotografias e textos que se adaptam ao espaço em que será feita a intervenção.

Ao navalhar a carne dessa histórias colonial e patriarcal Giuseppe Campuzano expõe as feridas e cicatrizes que marcaram (e ainda marcam) nossa história travesti. Campuzano abre fendas, de onde escorrem silicone, hormônios e paetês para resgatar o patrimônio travesti, e dessa forma, “o museu converte-se em ferramenta capaz de aumentar sua potência de agir. Não como pedido, mas como demanda por transformação e inclusão social. Do espaço simbólico-coletivo às liberdades individuais” (CAMPUZANO, 2010).

fig. 10. Museo Travesti del Perú em Parque de la Exposición, Giuseppe Campuzano.

fig. 11-12. D.N.I. (De natura incertus), Giuseppe Campuzano, 2009.





Vamos agora da travestilidade peruana de Campuzano para a monstrosidade chilena de Hija de Perra (1980-2014). Hija de Perra nasceu em Santiago e foi performer, transformista, atriz, modelo, cantora, designer de moda, ativista social, e ainda, no meio disso tudo encontrava tempo para escrever alguns textos acadêmicos, mas claro, à sua maneira suja e desobediente. O Grupo de Pesquisa CUS – Cultura e Sexualidade fez a tradução para o português do texto “Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma” de HDP, que foi apresentado por ela no Congresso “El sexo no es mio”, na 1ª Bienal de Arte e Sexo realizada em Santiago no ano de 2012. Nesse texto HDP levantou importantes problemáticas ligadas a colonialidade do pensamento e do fazer artístico. Ela aponta para outras interpretações da teoria queer questionando, principalmente, o que significa o uso de uma teoria estrangeira (vinda do norte) para pensar esses corpos sudacas terceiro mundistas. Hija de Perra trabalha constantemente sob o tencionamento NORTE X SUL / NORMAL X ABJETO e a partir de uma poética monstruosa pensa a normalização das identidades e a institucionalização da diversidade sexual.

fig. 13. Vista do Museo Travesti del Perú na 31ª Bienal de São Paulo, 2014.

fig. 14. Fotografia de Hija de Perra por Zaida González.



14

Da mesma maneira que Campuzano vandaliza a ideia de museu, HDP vandaliza o texto acadêmico. Sem firulas e o ego latente que acompanha muitos dos acadêmicos de hoje (em sua maioria homens cis brancos), HDP constrói sua escrita a partir de suas experiências pessoais utilizando a ironia típica de seus trabalhos como performer. Em diversos momentos ela se faz perguntas que não são necessariamente respondidas. Faz essas perguntas como se perguntasse a si mesma, como quem vai explorando a si mesma através do texto.

“Atualmente: Serei uma travesti sodomita lésbica ardente
metropolitanizada?

Serei uma bissexual afeminada em pecado com traços contra sexuais e
delírio de transgressão à transexualidade?

Serei uma tecno-mulher anormal com caprichos ninfómanos
multissexuais carnais?

Serei um monstro sexual normalizado pela academia dentro da selva de
cimento?

Serei uma vida castigada por Deus por invertida, torta e ambígua?

Serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre,
com inclinação sodomita capitalista?

Serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a
devires ardentes?

Ou serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer
sexual?”

(HIJA DE PERRA, 2014, pág.4)



fig. 15. Performance de Hija de Perra realizada na Faculdade de Ciências Sociais da Universidad de Chile, 2012.

⁵ Judith Butler (1965-) e Paul B. Preciado (1970-) são dois dos mais importantes teóricos sobre teoria queer. Suas obras foram bastante importante para as discussões de gênero e sexualidade e se tornaram a base para a grande maioria dessas discussões. Judith Butler é filósofa nascida nos Estados Unidos e entre suas principais obras estão *Gender Trouble: feminism and the subversion of Identity* (1990) e *Bodies That Matter* (1993). Paul B. Preciado é um filósofo, escritor e curador espanhol e entre suas principais obras estão *Testo Junkie: Sex, drugs and biopolitics in the pharmacopornographic era* (2013) e *Manifiesto Contrasexual* (2002).

Tanto Hija de Perra e Giuseppe Campuzano foram de extrema importância para pensar o meu corpo e minhas vivências de maneira que exista um reconhecimento real. Não era mais Preciado ou Butler⁵ falando de experiências transgressoras de gênero e sexualidade desde lá da Europa, mas sim maricas e travestis que falam de um lugar muito mais próximo e familiar ao que eu vivo. Entender e me reconhecer quando, por exemplo, Hija de Perra propõe outras nomenclaturas à teoria queer, como teoria bicha ou teoria marica (HIJA DE PERRA, 2014, pág.06). Parece uma mudança simplória mas na realidade é uma mudança significativa na construção da subjetividade. A linguagem é de extrema importância na construção de subjetividades pois ela carrega história e significado em si mesma, e ao importarmos um termo gringo esse significado é perdido. O termo “queer” só faz sentido para os anglo-saxões e para pessoas com conhecimento da língua inglesa. Acredito que a importação do termo anglo-saxão invisibiliza a história local na medida que domina os espaços de discussões sobre sexualidades e gêneros dissidentes e se torna mais presente do que os termos que nós mesmas nos identificamos e

usamos para nos comunicar entre nós, ignorando as nossas histórias locais. Além desse apagamento de identidade também existe uma outra problemática que é a de evitar tencionamento. Soa muito melhor dentro de uma universidade dizermos estudos queer do que estudos bicha, o que revela a repulsa latente à essas identidades bastardas inclusive no meio acadêmico. Larissa Pelúcio, professora da UNESP/Bauru, aponta justamente para esse tencionamento de uma teoria que se (re)faz antropofagicamente a partir de realidades locais, mais especificamente, uma realidade marginal latino-americana. Pelúcio destaca as problemáticas de uma importação acrítica do termo queer e propõe outras interpretações, apresentando então a teoria cu. Similar à teoria marica de Hija de Perra, a teoria cu de Pelúcio não tenta fazer uma tradução da teoria que importamos do Norte, mas sim uma torção dela a partir das nossas vivências marginalizadas, afinal “assumir que falamos das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nos assumimos como teóricas e teóricos do cu” (PELÚCIO, 2014, p.04).

O
QUE
QUER
O QUEER?

O queer nunca foi, para mim, uma identidade. Não conseguia compreender essa nomenclatura enquanto categoria identitária mas sim enquanto matéria de estudo. Sempre fui byxa, veado, trava, travesco, baitola, frango e tantas outras coisas. Nunca ninguém me gritou “queer” na rua como forma de insulto. Já essas outras ouço diariamente. Ser catalogada enquanto queer é para mim uma forma de apagamento da minha histórias e minhas vivências, num movimento de etiquetação vindo de cima para baixo. Afinal de contas, eu antes de conhecer o famoso queer era outa? Lógico que não. Nós, transvestigêneres monstruosas que desafiamos às normas caretas da lógica cisnormativa sempre estivemos aqui, na linha de frente lutando dia após dia para sermos reconhecidas e garantirmos nossos direitos. Muitas dessas pessoas inclusive não sabem nem nunca ouviram falar desse tal queer, já que no Brasil o queer se popularizou no meio acadêmico e grande parte dessa população não teve o privilégio de ter acesso a esses ambientes. Nós existimos muitos antes dos colonizadores e também existimos antes do queer.

“Sou uma nova mestiça latina do Cone Sul que nunca pretendeu ser identificada taxonomicamente como queer e que agora, segundo os novos conhecimentos, estudos e reflexões que provem do Norte, encaixo perfeitamente, para os teóricos de gênero, nessa classificação que me propõe aquele nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária.”
(HIJA DE PERRA, 2014, pág.03)

A teoria queer trata basicamente de compreender diferentes modos de desejos e sexualidade e entender como foram construídas culturalmente. Sua luta não se baseia somente na luta por direitos e tolerância mas também em desafiar as instituições e maneiras compreender o mundo. Dessa forma como eu poderia ser contra o queer? Não se trata então de ser contra o queer. Compreendo sua potência e a admiro profundamente. Essas críticas são feitas para torcer essa teoria e apontar novos caminhos para pensar nossos desejos e afetos, levando em conta nossas realidades locais individuais

e coletivas. Falar em teoria bicha, teoria marica e teoria cu “é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar como elas, mas também de localizar nosso lugar nessa “tradição”, porque acredito que estamos sim contribuindo para gerar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também.” (PELÚCIO, 2014, p.4).

no meio do olho do furacão que roda no mais
profundo orifício anal.
no meio de uma atribulação de conceitos e nomes
para desejos e tesão.
Rótulos para minha camisa de oncinha,
para minha perna peluda
e para minha neca acomodada em uma calcinha fio-
dental.
queer? Kuir? cuir?

02. DAS FRONTEIRAS

Quando penso sobre minha identidade de gênero e tento me localizar nessa geografia dos gêneros e sexualidades me sinto à deriva. Não correspondo às expectativas do que é ser mulher e muito menos do que é ser homem, assim desvio das duas rotas que julgam únicas e intransponíveis. Esse meu corpo é feminino demais para ser um garoto, masculino demais para uma mulher, demasiadamente despeitada para uma travesti, não hormonizada o suficiente para ser trans, e assim apontam e me julgam a depender de seus critérios e preconceitos preferidos. Dessa maneira o que me sobra é conviver no meio de várias contradições, tendo a certeza de quem eu sou e de quem eu posso vir a ser, independente do carimbo que escolham para me marcar. Sou uma mulher travesti que perturba a ordem de “fora”, daqueles que se conformam com ordem estabelecida de gênero e sexualidade, mas que também perturba a ordem “de dentro”, do movimento LGBTI que assume uma única narrativa e modelo para pessoas transexuais e travestis. Na UnB por exemplo existe um grupo nas redes sociais para as pessoas trans que estudam nessa instituição se comunicarem e trocaram conhecimento e informação, no entanto eu não fui convidada a participar e até pouco tempo nem tinha conhecimento da existência de tal grupo. Também na UnB foi realizada uma exposição de fotografia para retratar os/as estudantes trans em comemoração a Semana de Visibilidade Trans. Novamente me vi excluída desse espaço que reivindica visibilidade justamente para pessoas que transgridem as normas de gênero. Nesse contexto é importante questionarmos e criarmos outras formas de ação, inclusive no transativismo, que contemple a todas diferentes formas de ser trans. Esses foram apenas dois acontecimentos dentre as várias situações em que tenho minha identidade deslegitimada, tanto por pessoas cisgênero quanto por pessoas trans.

ANTES

AHORA

Qué cara de gato →

← Qué cara de macho

Voz de pito →

← Vozarrón

Deberías ensanchar tu espalda →

← No te pongas tetas que tenés mucha espalda.

¡Qué flaquito! }

} ¡Qué grandota!

Lampinero como una mima →

← Peluda como un tipo

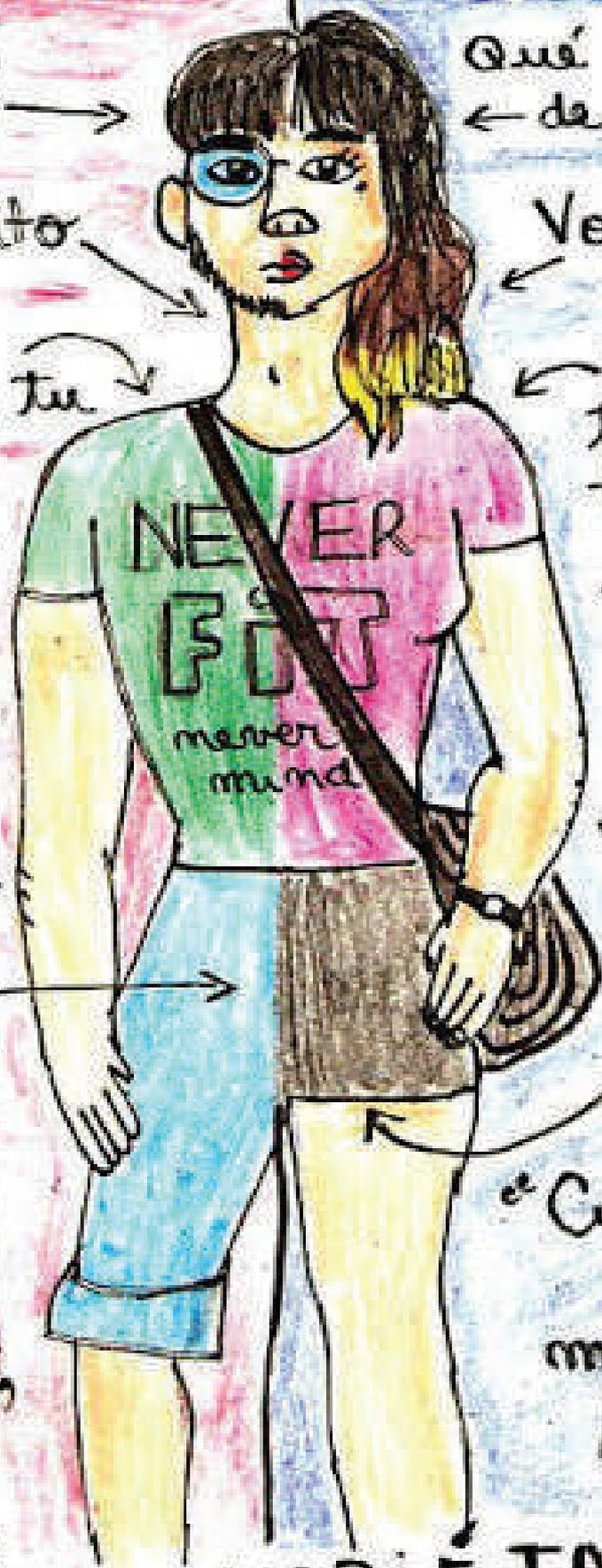
No marces la perra →

Epa! Que pedazo...

“Cualquier cosa menos un Hombre.”

“Cualquier cosa menos una Mujer.”

EN FIN: YO NO CAMBIE TANTO. CAMBIÓ EL MOLDE CON EL CUAL ME COMPARAN. →



⁶ O Perlutan é um anticoncepcional injetável bastante utilizado no tratamento hormonal de mulheres transsexuais. Apesar de não ser o medicamento usualmente indicado pelos endocrinologistas, é mais utilizado por ter um baixo custo.

fig. 16. TRANSita Rápido, Effy Mia, 2012.

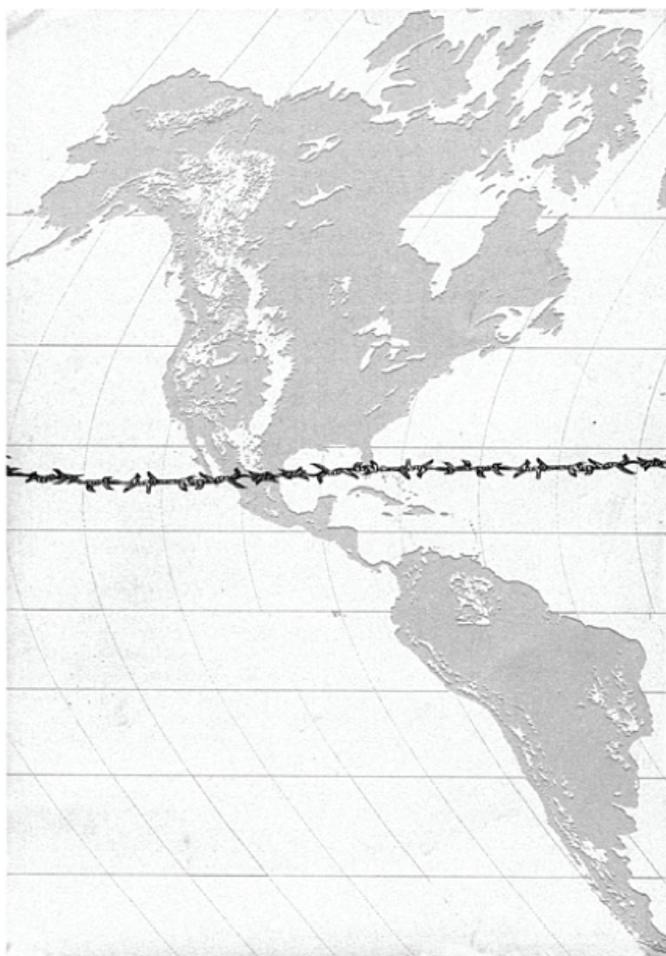
Quando me deparo com essas situações de violência fico com uma série de questões me rondando: Não sou trans o suficiente? Minha transexualidade não é o bastante? Quem me confere a carteirinha oficial de travesti? Quantos litros de silicone ou quantas doses de Perlutan ⁶ eu preciso para ser travesti? Se eu definitivamente não sou uma pessoa cisgênero, mas também muitas vezes não sou vista como parte da comunidade trans, que lugar eu ocupo? Tanto desencaixe e falta de pertencimento me levaram a pensar sobre a fronteira como um possível lugar para minha estranha existência.

A fronteira é muitas vezes pensada e confundida com o conceito de limite territorial, no entanto existem diferenças cruciais entre esses dois conceitos que são importantes de serem compreendidas. O limite territorial poderia ser representado por uma linha, enquanto a representação da fronteira seria uma faixa. O espaço de uma linha, o limite, é inabitável, já “a fronteira ocupa uma faixa que constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada onde os habitantes dos Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio” (BATISTA GONÇALVES, 2011). Dessa maneira, a fronteira e limite são ambos marcos de diferenciação de culturas e sociedade distintas, mas o espaço da fronteira é um espaço habitável onde as diferenças se encontram e desencontram nos mais variados processos e relações.

A noção de fronteira como nós conhecemos hoje foi criada por um projeto de modernidade fundamentalmente colonialista que nos passa a ilusão de ser um fenômeno natural, a partir de um discurso geográfico e geológico, quando na verdade a fronteira é também um discurso político e identitário que revela, inquestionavelmente, de onde viemos e onde estamos e segue funcionando como um dispositivo regulador de identidades (GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, 2001, pág.86). A polícia fronteira é quem decide quem tem ou não direito de cruzar as fronteiras e os faz baseado em raça, classe, gênero, nacionalidade e outros parâmetros arbitrários e preconceituosos. Nesse último ano de 2016, por exemplo, umas das principais promessas do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, foi a da construção de um muro de concreto na fronteira EUA/México que tem 3.200km de extensão. Esse projeto bilionário, estimado em 25 bilhões, só reafirma a necessidade de vigilância e controle por parte dos Estados, criando uma falsa ilusão de pertencimento, seguro e estável, dentro de um território que parece estar alheio às dinâmicas humanas contemporâneas. É também na fronteira onde acontecem diversos casos de abusos e explorações

por parte de multinacionais, que desfrutam de isenções fiscais e proibem organizações sindicais (GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, 2001, pág.88). A fronteira é o espaço da ilegalidade, é zona de policiamento e controle, mas também é zona de transgressão e subversão. E é aqui que se dá o complexo e ambíguo duplo olhar sobre a fronteira: a zona de fronteira é em sua materialidade um espaço regulador e opressor, mas é também no conceito de fronteira, mais especificamente no cruzar as fronteiras, que percebemos um posicionamento radical ante às normas e convenções sociais. Não importa quantos mil quilômetros de extensão ou altura tenha o muro que divide as fronteiras, esses projetos de vigilância não são capazes de impedir que diariamente grandes grupos de pessoas cruzem essas fronteiras em busca de seus anseios e desejos. Da mesma maneira, não importa quão violenta ou intolerante seja nossa sociedade, essas forças de regulação hegemônicas não são capazes de impedir nosso trânsito por entre os territórios dos gêneros e da sexualidade, afinal “é no ato de cruzar fronteiras que encontramos nossa emancipação” (GÓMEZ-PEÑA, 2005, pág.204).

fig. 17. Imagem do livro *Dangerous Border Crossers*, Guillermo Gómez-Peña, 2000.



⁷“A fronteira EUA-México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se arranha contra o primeiro e sangra [...] – uma fronteira cultural. A fronteira é uma linha divisível, uma estreita faixa ao longo de uma borda íngreme. Está em um constante estado de transição. O proibido e o censurado são seus habitantes. Os atravessados vivem aqui: os vinhos, os perversos, os queer [...] em resumo, aqueles que atravessam, que cruzam, ou que vão além dos limites do “normal”. Gringos do Sudoeste dos EUA consideram os habitantes das fronteiras transgressores [...]” (Tradução nossa)

Encarna Gutierrez Rodriguez dedicou um capítulo inteiro do seu artigo “Deconstruir la frontera o dibujar nuevos paisajes: sobre la materialidade de la frontera” à figura da “Border Woman o Mujer Fronteriza” que aparece nos poemas da escritora e teórica cultural chicana Gloria Anzaldúa. No seu livro “Borderlands/La Frontera: The New Mestiza” Anzaldúa discute a questão da fronteira para além de uma divisão territorial, pensando a fronteira como divisão identitária a partir de suas experiências biográficas. Ela se entende como uma mujer fronteriza, que desafia as forças hegemônicas e repressores que tentam corrigir, nomear, classificar e enquadrar ignorando sua existência individual. Uma mulher lésbica, nascida no Texas, filha de imigrantes Mexicanos que cresceu no Rio Grande Valley, região de fronteira com o México. A partir desse lugar de sua subjetividade ela discute quem são essas habitantes da fronteira, entendendo a fronteira como metáfora para qualquer travessia transgressora – seja ela sexual, social, racial ou cultural.

“The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds [...] – a border culture. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. Los atravessados live here: the squint-eyed, the perverse, the queer [...] in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the “normal.” Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors[...]” ⁷
(ANZALDÚA, 1987, p.25)

Assim como Gloria Anzaldúa, Guillermo Gómez-Peña também pensa os habitantes de fronteira como criadores de uma nova cultura, que a partir de um caleidoscópio de experiências se opõe às estruturas rígidas da cultura ocidental. Criam assim novas possibilidades de mundo a partir de seus multi-facetados mundos interiores. Guillermo, em oposição aos conceitos modernos de Primeiro Mundo e Terceiro, propõe a ideia do 4º Mundo, que é formado justamente por uma topografia fronteira sem um centro bem definido e que nega radicalmente um modelo binário e purista de mundo. Ambos autores escrevem de forma performática e radical utilizando uma hibridização de línguas que se negam a traduzir e que revela uma escolha estética e política de insubordinação.

⁹ “No Quarto Mundo há quase nenhum lugar para identidades estáticas, nacionalidades fixas, línguas “puras”, ou tradições culturais sacras. Os membros do Quarto Mundo vivem entre e através de várias culturas, comunidades, e países. E nossas identidades estão constantemente sendo reformuladas por essa experiências caleidoscópica. Os artistas e escritores que habitam o Quarto Mundo têm um papel muito importante: elaborar o novo conjunto de mitos, metáforas, e símbolos que irão nos localizar dentro dessas cartografias flutuantes.” (Tradução nossa)

“In the Fourth World, there is very little place for static identities, fixed nationalities, “pure” languages, or sacred cultural traditions. The members of the Fourth World live between and across various cultures, communities, and countries. And our identities are constantly being reshaped by this kaleidoscopic experience. The artists and writers who inhabit the Fourth World have a very important role: to elaborate the new set of myths, metaphors, and symbols that will locate us within all of these fluctuating cartographies.”⁸
(GOMÉZ-PEÑA, 1996, p.7)

⁹ “Como mestiça não tenho país, minha pátria me parte, ainda que todos os países são os meus, porque sou a irmã ou a amante em potencial de toda mulher. (Como lésbica não tenho raça, minha própria gente me rejeita, mas sou de todas as raças, porque em todas as raças existe a parte queer de mim). Não tenho cultura, porque como feminista, mudei as crenças coletivas culturais/religiosas orientadas desde uma perspectiva masculina do Indo-Hispano e Anglo; mas ainda assim tenho cultura, porque participo da criação de outra cultura, de outra história como explicar o mundo e nossa participação, em um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam uns aos outros e com o planeta. Sou um amasamento, sou um ato de amasar, de unir e de juntar que não só produziu duas criaturas, uma criatura do escuro e uma criatura do claro, mas que também produziu a criatura que questiona as definições do claro e do escuro e lhes dá um novo sentido.” (Tradução nossa)

“Como mestiza no tengo país, mi patria me parte, aunque todos los países son míos, porque soy la hermana o la amante potencial de toda mujer. (Como lesbiana no tengo raza, mi propia gente me rechaza, pero soy todas las razas, porque en todas las razas existe la parte queer de mi). No tengo cultura, porque como feminista, he cambiado las creencias colectivas culturales/religiosas orientadas hacia una perspectiva masculina de lo Indo-Hispano y Anglo; aún así tengo cultura, porque participo en la creación de otra cultura, de otra historia como explicar el mundo y nuestra participación, en un nuevo sistema de valores con imágenes y símbolos que nos conecta unos/as a otros/as y con el planeta. Soy un amasamiento, soy un acto de amasar, de unir y de juntar que no sólo ha producido dos criaturas, una criatura de lo oscuro y una criatura de lo claro, sino que también ha producido la criatura que cuestiona las definiciones de lo claro y de lo oscuro y les da un nuevo sentido.”
(Anzaldúa, 1987, pág.80) ⁹

Enquanto atravessadoras de fronteiras da normalidade, moradoras das encruzilhadas de gênero, nômades em eterna transição, trabalhadoras das esquinas que sugerem novas rotas para nossa existência, nós confundimos e embaralhamos a norma, evidenciando como elas são criadas e mantidas. Desestabilizamos a sociedade e o Estado que não sabem como lidar com pessoas como nós. As identidades de fronteira não fazem parte de uma cultura estática e fixa, transbordam as expectativas sociais e culturais para viverem suas diferentes facetas e subjetividades. A fronteira “es la fuente para una utopia que no ve una amenaza en la diferencia, en la heterogeneidad. La frontera representa, más bien, un manantial de resistencia y creatividad.”(GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, 2001, pág.90).

EN MI PASAPORTE ISRAELÍ
YA CAMBIÉ LEGALMENTE
MI NOMBRE.
EN ARGENTINA,
SIN ARGUMENTOS,
NO RECONOCEN
EL CAMBIO
OBLIGÁNDOME
A SER
CRIMINAL.

¿QUIÉN
CONTROLA
TU IDENTIDAD,
vos, el pueblo o el Estado?

Tengo dos
identidades
contra mi
voluntad.



JUDÍOS
HOMOSEXUALES
MUJERES ASOCIALES,
LESBIANAS, PUTAS,
MALEANTES, SIN TECHO,
INADAPTADOS Y
ENFERMOS MENTALES.

QUIÉN
DEFINE
TU IDENTIDAD?
¿vos, tu familia,
los desconocidos,
la sociedad,
los sistemas,
ellos?

EL NÚMERO DE DNI QUE ME OTORGÓ
EL ESTADO CUANDO OPTÉ POR LA
NACIONALIDAD ARGENTINA
Y QUE NO RESPETA MI NOMBRE,
Y EXPONE UN DATO TAN IRRELEVANTE
PARA EL ESTADO COMO MI RELIGIÓN,
ORIENTACIÓN SEXUAL O POSTURA
POLÍTICA; EXPONE MI GÉNERO.
(como si lo supieran)

DIAGNÓSTICO:
* DISFORIA DE GÉNERO
* TRANSFORMO DE LA PERSONALIDAD
* DESVIACIÓN SEXUAL
* PERVERSIÓN
* CRIM:

¿SOS LIBRE?

fig. 18. TRANSita Rápido, Effy Mia, 2012.

fig. 19-21. Nunca Serás Mujer, Effy Mia, 2010.

¹⁰ “Me apresento para uma entrevista de emprego vestida de mulher, e no currículo escrevo “Elizabeth Mía Chorubczyk”. Sou bem tratada e sou contratada. No trabalho me tratam no feminino, me apelidam de Eli, e eventualmente se fala abertamente sobre minha condição transgênero. Sinto um grande alívio de poder ser eu mesma e não ter que me prostituir para que se respeite o nome que adotei ao começar a transição. Em um dos primeiros dias um homem da segurança do edifício me nega o acesso porque em sua lista apareço como Elizabeth, que não coincide com o nome que aparece no meu RG. Me diz: “sejamos sinceros, você não é Elizabeth”. Pede para que mude meu nome em sua lista e se refere a mim no masculino o tempo todo.” (Tradução nossa)

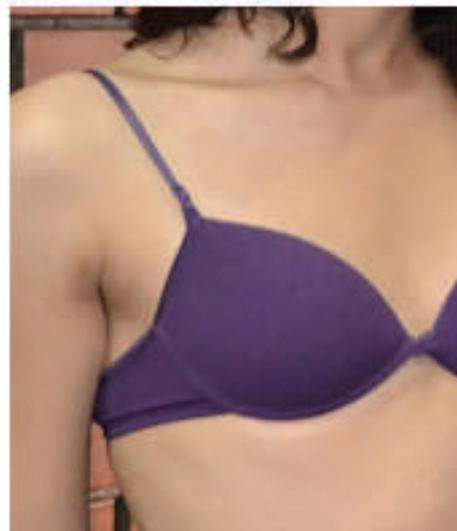
Elizabeth Mía Chorubczyk (1989-2014), conhecida por Effy Mia, foi, em suas próprias palavras, uma “artista conceitual, performática e feminista queer” nascida em Israel mas que se mudou ainda criança para Argentina. Começou sua transição tomando os hormônios no mesmo dia que tinha sua primeira aula no curso de artes do IUNA (Instituto Universitario Nacional de Arte), que foi onde encontrou espaço para falar de suas experiências enquanto mulher trans através de suas performances, escritos e desenhos. Effy sempre foi além dos discursos prontos, de fora e de dentro do movimento LGBTI, refletindo sobre patriarcado, feminismo, discriminação e outras questões a partir de suas experiências pessoais. O projeto performático “Nunca serás mujer” tem início após uma pessoa dizer à Effy: “Aunque vos te sientas mujer, te crezcan las tetas, tomes hormonas, te operes los genitales, nunca serás mujer porque no menstruás ni sabés lo que eso significa”. Em abril de 2011, exatamente um ano após começar seu tratamento hormonal, Effy retira a quantidade de sangue que deveria ter perdido durante esse período, ou seja, retira a mesma quantidade de sangue que uma mulher que menstrua perde em um ano, em média 1/2 litro. Ela então divide esse sangue em 13 partes que representam, em performances mensais, sua menstruação durante um ano. Na menstruação de Dezembro de 2010 Effy intervém em sua carteira de identidade, tapando com seu sangue o nome que figura naquele documento. Em seguida, ainda com o sangue da menstruação, ela escreve em seu braço seu verdadeiro nome, Elizabeth Mía. Cada uma das performances de suas menstruações é acompanhada de um pequeno texto biográfico. O de dezembro diz:

Diciembre, 2010.

Me presento a una entrevista laboral vestida de mujer, en el curriculum escribo “Elizabeth Mía Chorubczyk”. Recibo buen trato y soy contratada. En el trabajo se me habla en femenino, se me apoda Eli, y eventualmente se habla abiertamente de mi condición transgénero. Siento un gran alivio de poder ser yo misma y no tener que prostituirme para que se respete el nombre que adopté al comenzar la transición. Uno de los primeros días un hombre de seguridad del edificio me niega el paso porque en su lista aparezco como Elizabeth y no coincide con el nombre que aparece en mi DNI. Me dice: “seamos sinceros, vos no sos Elizabeth”. Pide que se cambie mi nombre en su lista y se refiere a mí en masculino a todo momento. ¹⁰



19





20



21

A corporalidade transexual de Effy deixa claro que a fronteira está muito próxima e pode ser visitada a qualquer momento. A violência e recusa do segurança em trata-la com respeito acontece porque os corpos trans evidenciam a fragilidade das identidades, e em consequência a frágil masculinidade se vê ameaçada. Nossos corpos perturbam e incomodam por revelar o caráter mutante das identidades.

Em outro trabalho Effy aparece segurando seus dois passaportes, o de Israel e o da Argentina. Ambos documentos constam o nome Elizabeth Mía mas têm informações diferentes no campo “Sexo”: no argentino aparece a letra F, e no israelense consta a letra M. É um gesto simples mas que revela questões importantes sobre o sistema de regulação e normatização sobre os corpos. O trabalho de Effy novamente aponta para a mutabilidade das identidades, mas aqui, mais do que isso, mostra o caráter cultural, inventado e instável de todas as identidades através das próprias ferramentas de controle do Estado. Grande parte dessas ferramentas de controle sobre os corpos transvestigêneres se dá através do olhar patologizante sobre essas identidades. Somos consideradas transtornadas pela Classificação Internacional de Doenças (CID)¹¹ publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Estamos classificadas no capítulo V “Transtornos mentais e comportamentais” na categoria “Transtornos da identidade sexual”, que se divide em “transexualismo”, “travestismo bivalente”, “transtorno de sexualidade na infância”, “outros transtornos de identidade sexual”, e o meu preferido, “transtorno não especificado da identidade sexual”. Parece uma piada mas é esse o olhar que a sociedade têm sobre nós. Esses dispositivos médicos psiquiátricos que recaem sobre nós embarreira diferentes aspectos da nossa vida social cotidiana, dificultando o acesso a direitos básicos como a figuração do nome que escolhemos para nós mesmas em nossos documentos. A instituição médica funciona como régua que mede e atesta a transexualidade de cada uma de nós e julga se somos autênticas suficientes para suas normas. Effy foi uma importante ativista na conquista de direitos para pessoas transvestigêneres, participando de marchas e seminários pelos direitos da população transvestigênera. Hoje, graças a militância de Effy, de Susy Shock, Marlene Wayar, Diana Sacayán, Lohana Berkins e de outros e outras ativistas trans é que a Argentina aprovou a Lei de Identidade de Gênero, a única no mundo que não mais patologiza as identidades transvestigêneres.

¹¹ Os Estados-membros da Organização Mundial da Saúde usam o CID-10, que foi endossado na 42ª Assembléia Mundial da Saúde em Maio de 1990. Disponível em: <http://www.who.int/classifications/icd/en/> (Acessado em 21/02/17)



22

fig. 22. Sem título, Effy Mia.

Guacira Lopes Louro em seu artigo “Viajantes Pós Modernos” (2004) usa o movimento da viagem para pensar sobre o movimento empreendido por aqueles que tentam entre os gêneros. Em uma parte do artigo ela faz uma relativização que julgo importante. Louro ressalva de que a metáfora do viajante pressupõe um sujeito que tem o privilégio de ir e vir livremente. No entanto existem aqueles que o fazem forçados a viagem, como é o caso daqueles que migram obrigados a sair de zonas de conflito por exemplo. Da mesma maneira, aqueles que cruzam as fronteiras de gênero e sexualidade não necessariamente o fazem por uma “escolha” livre, suas travessias são feitas por diferentes razões e com diferentes significados, e podem ser restringidas, repudiadas ou ampliadas por suas marcas de classe, raça e outras circunstâncias de sua existência (LOURO, 2004, pág.19). Esse apontamento que Louro faz é importante para compreender que a fronteira não é um lugar fixo e de igualdade, mas sim da diferença, da interseccionalidade, da relação universal/particular. As fronteiras que habito não são as mesmas de Effy, por que não vivo numa condição de

imigrante, por exemplo. Também cresci numa família classe média e não conheço a prostituição como única possibilidade de emprego, como é o caso da maioria da população transvestigênere na América Latina. Ainda que compartilhem muitas experiências em comum enquanto comunidade trans cada uma de nós habita seu território particular com suas experiências individuais, e pensar em fronteira é um trabalho de se localizar nas nossas geografias, procurando nosso terreno para desde aqui falarmos das nossas experiências e transformarmos nossas intimidades em um ato artístico e político.

A tarefa me parece ser de embaralhar e denunciar as normas da binariedade dos gêneros a partir das nossas vivências pessoais para lograr mudanças efetivas no olhar sobre pessoas transvestigêneres. Quando falo de identidades de fronteiras, e seus movimentos de atravessamento, não é com o intuito de entendê-las como exemplo ou modelo a ser seguido, mas sim de compreender essas identidades como desestabilizadoras de certezas que provocam uma nova percepção sobre arranjos, práticas e destinos que parecem universais e indiscutíveis (LOURO, 2004, pág.24).

03. NA LINHA DE FOGO & NO SALÃO DE FESTA

“Luchamos en todo terreno para modificar las concepciones del resto de la sociedad y también, y en todo terreno, para modificarnos a nosotros mismos.”

Grupo de Acción Gay (GAG)

Se hoje no ano de 2016 não temos uma resposta clara e objetiva para a clássica pergunta “O que é arte?” é porque ela não existe, e não pode existir. Arte não é uma ciência objetiva, não são número\$, não é a lista do Prêmio Pipa¹². Partir da legitimação de galerias e museus, ou da própria academia, para avaliarmos o que é arte ou não é entregar de bandeja nossa grande ferramenta de luta, de expressão e transformação aos movimentos de cooptação do sistema capitalista. Arte para mim é fazer perguntas, provocar novos olhares sobre determinado assunto, é apontar para direções desconhecidas, é criar estratégias para escapar às normas e construir outras subjetividades possíveis. Na minha prática artística o meu corpo é o território dos meus questionamentos mas é também a própria arma para explorar tais territórios. Ao mesmo tempo que os corpos constituem terreno de controle biopolíticos e regulação da norma social, são também potências de enunciação e resistência crítica para desconstruir essas articulações do regime de poder (DAVIS; BADAWI, 2012 pág.92). Meu corpo é a navalha cortante que rasga a carne careta da normalidade e expõe as violências e arbitrariedades de um sistema baseado na cisgeneridade como normalidade.

¹² O Prêmio Pipa é uma premiação brasileira de artes visuais criada em 2010 pelo Instituto Pipa e o MAM-Rio. Em sua página na web se intitula como “o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais”.

Apesar da fotografia e da performance serem os principais meios de colocar meu corpo em cena, tenho o entendimento de que outros eventos também podem se caracterizar como eventos artísticos, que criam espaços de discussão e diálogo. A poética para mim consiste numa visão singular, que pensa a partir da diferença para produzir ao invés de reproduzir, tal como uma rachadura no espelho que insiste em refletir a mesma imagem. O pensamento poético pode então surgir em qualquer matéria de estudo e de vida, servindo como estratégia para que o que é diferente emerja. Escolho apresentar nesse capítulo os trabalhos das Travas Elétricas, que se dá nos meios mais tradicionais da arte, e também o coletivo Infecciosxs, que atua desde as beiradas do que é considerado arte, produzindo festas e cineclubes. Desde os anos oitenta sujeitos sociais marginais (homossexuais, lésbicas, travestis, etc.) usam os espaços de bares e festas como espaço de encontro e desenvolvimento de uma atividade performática crítica e coletiva, sem necessariamente terem intenções artísticas diretas (DAVIS, BADAWI, 2012 pág.94). Esses espaços se tornam espaços seguros para nós expressarmos nossos afetos, pensar estratégias de guerra, gozar, festejar, celebrarmos umas às outras.

Percebo então um movimento de ir e vir quase nômade entre os meus espaços de atuação nas artes, ora em lugares “legítimos”, ora ocupando e criando pelas bordas. No entanto existe um denominador comum na minha forma de criação, seja com as Travas Elétricas ou com as Infecciosxs. Esse denominador comum é o recurso da ironia e do deboche como tática. É através do deboche que tento evidenciar as arbitrariedades das divisões e limites que marcam nossos corpos, é debochando que tumultuo os códigos “desse lado” com os do “outro lado”. Através da crítica debochada, bem humorada e sarcástica nós não procuramos copiar modelos idealistas, mas sim desautorizar esse modelo produzindo figuras caricatas, desencaixadas e monstruosas. Nestor Perlongher fala de uma “territorialização da homossexualidade e do devenir homossexual”, que rejeita as fugas desobedientes e inassimiláveis e cria um novo modelo de normalidade dentro do próprio movimento LGBT (PERLONGHER, 1991, apud DAVIS, 2012, pág.181). Ou seja, cria-se novos modelos que continuam a violentar e excluir aqueles que não se encaixam. As afeminadas, as gordas, as sapatões masculinas, as travestis, as byxa pão com ovo e tantas outras identidades tortas continuam a serem marginalizadas. É então através de alianças radicais que procuramos desestabilizar toda e qualquer noção pré-estabelecida e a apresentar outras possibilidades de desejo e afeto que vão para além das territorializações reguladoras.

Quero desestabilizar a noção do que é arte. Quem e como deve fazer arte.

Quero desestabilizar a noção de uma identidade fixa e imutável.

Quero desestabilizar a noção de originalidade e autenticidade.

Quero desestabilizar a noção do que é ser mulher.

Quero desestabilizar a noção do que é ser travesti.

E finalmente, quero desestabilizar a noção de quem eu sou.

Para das fendas, das rachaduras e das fronteiras escorrer os fluidos de vida.

Outras formas possíveis de vida.

TRAVAS ELÉTRICAS

As Travas Elétricas surgem em 2013 do meu encontro com Felipe Olalquiaga (nome de guerra: Marmota). Já tínhamos um laço estreito de amizade mas a dupla se formou quando percebemos similaridades no nosso processo de criação e também no interesse de pesquisa de se pensar sobre sexualidades e gêneros dissidentes a partir de nossas experiências. A partir de diferentes experimentações as Travas Elétricas determinam seu campo de atuação: uma estética combativa para se pensar gênero, sexo e identidade. Nos utilizamos de uma estética de guerrilha para apontar para a guerrilha que vivemos cotidianamente e a necessidade de uma postura combativa. Misturamos signos próprios da cultura byxa e travesti (flores, glitter, cílios postiços, salto-alto, maquiagem, etc.) com signos próprios da guerrilha (arma de fogo, machado, balaclava, etc.) e damos forma às nossas ideias através, principalmente, da fotografia. Como já citado anteriormente, as Travas Elétricas têm sua inserção principalmente nos meios tradicionais, como mostras e galerias, no entanto o deboche utilizado por nós serve para criar ruído nesses lugares, fazendo zoadas nesses espaços que são repletos de sobriedade e austeridade.







fig. 23-25. Ni Víctimas, Ni Pasivas, Travas Eléctricas, 2014.

fig. 26. Cartaz Combativas!, Travas Eléctricas, 2014.

fig. 27. Yeguas Campuzanas y Machucadas del Apocalipsis, Travas Eléctricas, 2016.

“El cuerpo, los cuerpos en plural o, mejor, los lazos entre esos cuerpos se constituyen en posibilidades de libertad y experimentación, y a la vez dejan ver que también se saben territorio de violencia. Cuerpos que dicen mucho cuando casi nada se puede enunciar públicamente.”

(VINDEL; CARVAJAL;
LONGONI, 2012, pág.209)

NI VICTIMAS

NI PASIVAS



¡MUJERES

COMBATIVAS!

As travas elétricas são um sistema eletromecânico agregado que tranca automaticamente as ruas. o dispositivo é acionado eletronicamente por um descontrolado remoto à distância. As travas elétricas instigam abordagens súbitas, reapropriação de objetos e do próprio corpo.

As travas elétricas recebem um código que pode ter combinações em pulsos iguais. elas dispõem de um motor pequeno que movimentava várias engrenagens em seu interior, sendo este o método através do qual elas travam e destravam o sistema.

Dispõem geralmente de uma bateria 100v que as alimenta e determina o alcance de suas ações. normalmente elas têm um led que avisa quando é efetuada alguma operação. as travas podem ser acopladas umas às outras em ligações paralelas, tornando mais práticos a armação e o travamento.

Hoje em dia também são possíveis outras operações pelo descontrolado remoto, como desativar sistemas complexos gerais, ou mesmo abri- los propondo outros modelos. um simples movimento vertical da maçaneta é o necessário para fazer girar a trava e elas abrirem suas portas.



INFECCIOSXS

As Infecciosxs são um coletivo mutante de Recife que surgiu inicialmente com La Conga Rosa, Paulet Lindacelva, Caetano Costa, Sosha Rising, Marina Pereira e Ige, mas que conta com a colaboração de muitas outras aliadas Brasil afora. O coletivo surgiu com o desejo de um espaço que abraçasse todas formas de expressão, celebrando corpos dissidentes e monstruosos através de uma estética suja e imunda. Queríamos criar um espaço em que todas pessoas transvestigêneres se sentissem seguras e pudéssemos festejar umas às outras num lugar livre de violência. A ideia era fazer uma festa criada por e para pessoas transvestigêneres, garantindo um ambiente inclusivo para todas. Com esse pensamento em mente estabelecemos uma das políticas que julgo mais importante, que foi a entrada gratuita para pessoas transvestigêneres. Hoje, felizmente, grande parte das festas LGBT do Recife adotaram essa mesma política de gratuidade possibilitando o acesso das pessoas trans a espaços que elas talvez não teriam condições de acessar. É através desse tipo de ação micropolítica que acredito numa mudança efetiva para a sociedade. É criando nossas próprias famílias e matilhas que começamos a dar forma e sentido para nosso mundo, criando nosso próprio repertório cultural e resistindo seja qual for o território que ocupamos. De maneira rebelde e festiva desafiamos às imposições e proibições a que somos forçadas. Celebramos para nos fazer presentes, vivas, pulsantes e desobedientes.

28



MAIS BARATAS QE Δ PASSAGI!



#1

Um mix de mutação, hibridismo, trans-formação e transtorno.

Existe um bonde trans-psycho no rōdjan, vindxs de todas as zonas do Recife e Região Metropolitana.

Do norte, leste, oeste ou podendo ter saído também do banheirão mais próximo, esse bonde tá formado pra meter o terror e infectar com vírus da truação e da bruxaria viadal fazendo as “gospel” PASSAR MAL.

O proposito delxs é simples: convocar xs afetadas, mulheres, bichas, baitolas, travas, transexuais, intersexuais, transgêneros, piriguetes, putas, gordas, sapatas, caminhoneiras, pintosas, divas, feias, patricinhas, crossdresser, intersexuais e não binarias; para dar um close boca-de-se-fuder e fazer um forjo pesado, pra deixar o terror mais trash no chinelo com o mix de colocação e aventura.

Essas são as I N F E C C I O S X S !!!

fig. 28. Fotografia da festa Infeciosxs&Tombadas, 2016.

fig. 29. Flyer de divulgação da festa Infeciosxs #2, 2015.

fig. 30. Foto da primeira formação da Infeciosxs, 2015.

fig. 31. Flyer de divulgação da Infeciosxs #1, 2015.

fig. 32. Flyer de divulgação da festa Infeciosxs #2, 2015.

fig. 33. Performance de Íris Marwell na Infeciosxs&Tombadas, 2016.



R\$ 2,00

22/01

CASARÃO
DAS
ARTES





INFECCIOSXS

RE CÍFILIS,

VENÉREA BRASILEIRA.



CASARÃO
DAS
ARTES

26/02

INFECCIOSXS

RECÍFILIS,

VENÉREA BRASILEIRA.

R\$ 2,00

#2

Trazidas no tsunami da rebarba do carnaval, junto com o suor das peles, o lamaceiro das beiradas das ruas e o enjoo do sucesso, elas voltam, enfurecidas que o fojo acabou, se juntam de novo pra meter mais um terror. Porque quatros dias de fojo é pouco (tod@s sabemos), mas queremos catar quem é realmente arretada e tomba lacrar numa noite pesadexenha e pós carnavalesca.

MAIS BARATAS QE A PASSAGI R\$ 2,00 AQUÉ

E no batidão rasgação:

Cae Tano (PE)

Gladys Marginal (RJ)

Ban Shee(PE)

Loucas Figueiras (DF)

Perlla Gonçalves (PE)

Anty Sosha(PE)

Projeções:

Marina Pereira ,exibindo os trampos:

“Corpo Fala” de Marina Rossi Gurgel, com Clarissa Ribeiro.

“Pelada Pelados” e “Pelos Pêlos” de Alla Soub

Além do espaço aberto, pra bruxaria viadal,closes,pintas e fechações!!!

#3

Iae monstrixas, tudo guaravita?
depois de alguns meses sumidas tamo voltando! Corpos insubmissos e
nervosos por um foju pesadjenho...

As infecciosxs de recife se juntam com as tombadas de brasilia.
e a ideia?

é uma só kirida!

juntar as minas as monas e as monstrixas e fazer uma verdadeira tombação,
porque numa cidade onde tudo é tombado, num tem pro tombamento
deles que elas são pesadjenha e chegam destombando monumentos,
corpos viris e colonizados , e firmando uma nova tombação:
a da bruxaria viadal!!!

Vamos assombrar por uma noite a cidade que abriga a casa dos caras que
andam construindo uma verdadeira perseguição a mulheres e byxas.

vamos mostrar que existimos ,
estamos em todos os lugares,
somos muitas,
E ARMADAS ATÉ O CU!!!

////////// 22hrs //////////

////////// LANÇAMENTO DO FILME "GIF" DE SHOSHA //////////

////////// PONDO UM SOUND LOLOKI //////////

Barbara Lopes (DF)
Medro Pesquita (DF)
Mama Cesarea (DF)
Paulet Lindacelva (PE)
Maia Voleau (PA)

//////////PERFO-TRUCK//////////

Algodão Choque
Iris Marwell
Loucas Figueiras
Pole bilal
Pabletx
Tiago Melo

////////// NAS PROJEÇÕES BABADEIRA//////////

VJ Mari Mira



04. ERRO: as classificação taxonômica não pode ser efetuada com sucesso. Corpo estranho.

Acho o exercício de falar sobre uma obra de arte bastante difícil, ainda mais quando se trata de sua própria. É estranho tentar explicar de forma linear, coerente e objetiva algo que surge a partir do oposto de tudo isso. Não acredito na idealização de um lampejo genial que atravessa o artista e faz assim a obra de arte surgir. Penso que a obra de arte é fruto de uma rede complexa de fatores que atravessam o artista, desde nacionalidade, contexto social e classe até cor favorita, músicas que escuta e com quem faz sexo. Dessa maneira, a obra de arte é indissociável da vida do artista e do contexto que o circunda, é resultado do encontro de dois mundos, o mundo interior do artista com suas inquietações e perguntas que se encontra com o mundo exterior em que ele está inserido. Explicar uma obra de arte é então uma tarefa tola, já que o espectador não é menos privilegiado de ter seus próprios mundos interiores e exteriores e interpretá-los à sua maneira. A arte incita justamente o surgimento de diferentes pensamentos e perspectivas sobre determinado assunto, e tentar explicá-la é enjaular suas possibilidades de criar diálogo e discussão. O que vou tentar fazer neste capítulo então é apontar de onde vieram algumas das inquietações que me moveram a criar essa fotoperformance e apresentar minhas intenções, mas já sabendo de antemão que cada espectador poderá perceber este trabalho à sua maneira.

O trabalho “Erro: A classificação taxonômica não pode ser efetuada com sucesso. Corpo estranho.” consiste numa fotoperformance de 50 fotografias em que tenho meu corpo progressivamente marcado com oito palavras: travesti, trans, mulher, loka, monstra, byxa, veado e homem. Essas palavras são marcações de identidade de gênero e sexualidade que em algum momento da minha vida fui identificada como tal. As palavras em vermelho vão tomando conta do espaço e do meu corpo até o momento em que cobrem toda a imagem fotográfica. Durante a fotoperformance, enquanto tinha meu corpo carimbado, a única classificação que de fato me agredia era “homem”. Desde do momento em que nasci apontaram para mim e disseram que eu era menino, então essa é uma identidade que me persegue toda a vida e que sempre surge para violentar quem eu de fato sou. O meu desejo é me distanciar o máximo possível da categoria “homem”,

mas isso não necessariamente indica um percurso pré-concebido em direção a feminilidade. Isso porque existem inclassificáveis formas de feminilidade, e não uma única como nos é vendido em revistas e programas de televisão. Por isso “loka” e “monstra”, porque sou sim mulher, mas sou uma mulher que torce e distorce as noções de masculinidade/feminilidade. As categorias “byxa” e “veado” são também parte de quem eu sou, porque foi enquanto byxa que me entendi travesti e foi com as amigas veados, byxas e sapatônicas que encontrei o espaço para me afirmar enquanto tal. É importante notar aqui que não falo das gays, porque o movimento gay é bastante excludente, seja com as gordas, com as pretas, as pobres, ou com as byxas afeminadas. E por fim, “trans” e “travesti” são as identidades que de fato me contemplam, onde encontro meu território. Ser carimbada com tantas identidades diferentes e me reconhecer em quase todas elas é uma marca reveladora do que há de mais autêntico em mim, o trânsito. Estar em eterna mutação e transição é quem eu sou. Na minha viagem enquanto travesti não há um destino, como um modelo de mulher a ser alcançado. É muito comum falarmos dos processos de vida de uma transexual e apontarmos para diferentes “fases” desse processo, como se existisse um destino objetivo a ser alcançado. Falasse muito da “fase” de transição, que é normalmente quando a pessoa inicia seu tratamento hormonal. Para mim essa “fase” de transição não existe, sou uma travesti em eterna transição.

Dentre todo o conjunto de fotografias as duas últimas se sobressaem por serem as únicas com um gesto diferente das demais. Enquanto em todas apareço parada de frente para câmera na medida em que meu corpo e o espaço vão sendo carimbados na penúltima apareço mostrando o dedo do meio e fazendo uma careta e na última fotografia não apareço mais, o que fica é somente minha silhueta. A penúltima fotografia é o gesto de insubordinação e revolta frente aos sistemas autoritários que nos classificam e nos oprimem. É uma imagem que debocha desses que tentam nos encaixotar mas é também um deboche a própria performance enquanto linguagem artística. A estratégia performática de marcar o corpo é bastante usual nas artes visuais, e eu faço essa ação também com o intuito de apresentar a irreverência e o escárnio como possibilidades de discurso artístico, fugindo do usual discurso recatado e sisudo que encontramos no meio. Já a última em que não apareço mais, funciona como índice do movimento de transição que mencionei anteriormente. A silhueta é apenas o resquício do que já fui, é uma macha de um eu passado e uma mirada para um eu reinventado. O formato que eu pensei inicialmente para esse trabalho era o do formato da fotografia de documentos, como passaporte e RG, numa tentativa de apontar quão violentos podem ser esses mecanismos de controle do Estado que não reconhece identidades que fogem à norma cisgênero. No decorrer do processo o trabalho

tomou outros rumos e formato. Decidi ao fim manter somente esse índice da fotografia de documentos através do enquadramento e optei por apresentá-las em formato muito mais exagerado, cobrindo uma parede inteira. Me dei conta que as imagens reduzidas não teriam o impacto que o trabalho necessita. Penso que a violência sobre nossos corpos é tão grande e gritante que eu não poderia ter outra ação se não apresentar uma obra que também gritasse.

A minha intenção com esse trabalho é apontar como são as arbitrárias e impositivas as classificações feitas sobre os corpos transvestigêneres. Num mesmo dia, por exemplo, posso ser tratada como transexual, como mulher e como homem. A sociedade se vê no direito de apontar e classificar sem levar em conta meus desejos e a forma que eu me enxergo. “Erro: corpo estranho” é a recusa de ser classificada a partir de normas e padrões num movimento de fora para dentro. No decorrer da feitura da fotoperformance fiquei me perguntando se não estaria dando margem para uma interpretação oposta a que aqui apresento e que não corroboro, mas como já foi dito anteriormente, uma obra de arte quando colocada no mundo está sujeita a diferentes interpretações e apreensões independente do meu intuito original. Penso que a nomeação é importante para nos tornarmos visíveis e conquistarmos direitos enquanto cidadãos. Se assumir travesti, por exemplo, é um ato extremamente radical e de resistência, já que a figura travesti está sempre associada a prostituição, doenças sexualmente transmissíveis, pecado e violência. Nós só temos espaço de representação da mídia quando é para reforçar os estereótipos que nos estigmatizam. Ou aparecemos enquanto perigosas e violentas em boletins sensacionalistas, ou enquanto chacota em programas de humor. O discurso de “somos todos iguais, não vamos ficar rotulando as pessoas” é bastante simplista e esvazia a discussão sobre corpos dissidentes. Temos sim que nos afirmar da maneira que nos reconhecemos, é importante para quebrar preconceitos e silêncios violentadores. O que eu não acredito, e nem admito, é que essa nomeação seja feita de fora para dentro.

Certa vez Effy Mia concedeu uma entrevista para o “Diario Publicable” da Argentina em que afirma: “Soy una firme defensora del Yo, por lo que creo que cada uno elige sus propias definiciones” (2014). Eu também sou defensora do “Yo” de que fala Effy. Acredito que ninguém, além de mim mesma, tem o direito de dizer quem eu sou, qual banheiro devo usar, como devo me comportar, com quem devo me relacionar. Não admito que me coloquem sob suas réguas para avaliar sob qual categoria me encaixar.

50 fotografias.
08 classificações.
08 expectativas.
08 esteriótipos.
08 marcações.
01 corpo.
Infinitas possibilidades.













fig. 34. Erro: A classificação taxonômicas não pôde ser efetuada com sucesso. Corpo Estranho. La Conga Rosa, 2016.

FECHAÇÃO

Após terminar de escrever esse texto, terminado um ciclo de anos na universidade, é impossível não reconhecer as tantas mudanças que aconteceram nesse período, quantos “eus” eu já fui e quantos ainda me tornarei. Me dou conta de que me entendi travesti dentro na universidade, e nela encontrei algum espaço para falar de minhas vivências e criar a partir desse lugar. Nesse processo de escrita tive grandes embates mas também surpresas muito agradáveis, como é o caso, por exemplo, de me dar conta que existem pessoas pensando, produzindo e criando em consonância com tudo aquilo que vinha se efervescendo dentro de mim. Me daparar com Glória Anzaldúa e Guillermo falando sobre as fronteiras e os atravessadores de fronteiras foi como encontrar as exatas palavras para um sentimento que até então não tinha nome. É bastante fortalecedor encontrar com companheiras de batalha que compartilham desejos e vontades, estejam elas por perto ou apenas registradas em páginas de livros ou blogs na internet.

Nós que ousamos atravessar as fronteiras já somos imigrantes ilegais em nossos próprios corpos, somos alvos constante da Igreja, da Família e do Estado. Somos bastardas e por isso precisamos de umas às outras, para juntas destruir a fantasia cisheterossexual. Em tempos que vemos uma crescente onda conservadora fundamentalista não só na América Latina mas em todo o mundo acredito que somente estando em matilhas conseguiremos manter o mínimo de sobrevivência e direitos. Temos que ser insubordinadas, insubmissas, combativas, debochadas, arretadas, viradas, revoltadas, gozadas, depravadas e atuar em todos terrenos para a construção de um imaginário em que nossos corpos desconcertados não sejam tratados ou como objeto sexual ou como transtorno mental.

Termino esse trabalho apontando para a necessidade de estarmos juntas produzindo e falando sobre nós mesmas em toda e qualquer área de atuação. Eu continuarei matando e aniquilando as expectativas que se depositam sobre mim, e serei cada vez mais monstra, mais transtornada, cada vez mais afeminada e confusa. Serei mays byxa, serei mais travesti. Serei mais eu. Serei mais ela. Menos ele(s).

Bibliografía

AMIGO, Roberto; BADAWI, Halim; BICSZEL, Dorota; CARVAJAL, Fernanda; COLOMBINO, Lía; CRISTI, Nicole; DAVIS, Fernando; EXPÓSITO, Marcelo; GAMARNIK, Cora; GARCÍA, Francisca; GARCÍA, Isabel; CASTAÑEDA, David; HENARO, Sol; KELLER, Andrés; LA ROCCA, Malena; LONGONI, Ana; LÓPEZ, Miguel; LUCENA, Daniela; MANZI, Javiera; MESQUITA, André; NOGUEIRA, Fernanda; NOVOA, Glexis; RIVAS, Felipe; ORTEGÓN, Luisa; SUÁREZ, Sylvia; TAPIA, Mabel; TARAZONA, Emilio; VARAS, Paulina; VIDAL, Ana; VINDEL, Jaime; WEISS, Rachel. **Perder la Forma Humana – Una imagen sísmica de los años ochenta en América Latina**. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2012.

ANZALDUA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BATISTA GONÇALVES, Karoline. **A fronteira e seus paradigmas: identidade e alteridade**, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2011. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccss/14/kgb.html> (acessado em 21/02/2017)

CAMPUZANO, Giuseppe. **Giuseppe Campuzano y El Museo Travesti del Peru**. Lawrence La Fountain-Stokes. Entrevista para Hemispheric Institute, 2010. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/campuzano-entrevista> (acessado em 21/02/2017)

CAMPUZANO, Giuseppe. **Toda Peruanidad es un Travestismo**. Hemispheric Institute, 2010. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/campuzano-presentacion> (acessado em 21/02/2017)

CAMPUZANO, Giuseppe. **Andróginos, hombres vestidos de mujer, maricones... el Museo Travesti del Peru**. Natal: Revista Bagoas, nº4, 2009.

FAINGENBAUM, Dora; MÁXIMO, Matías (org.). **Que el Mundo Tiemble: cuerpo y performance en la obra de Effy Beth**. La Plata: EDULP, 2016.

GALINDO, María. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar. Teoría y propuesta de la despatriarcalización**. La Paz: Mujeres Creando, 2013.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. **En defensa del arte del performance**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, julho-dezembro 2005.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. **The New World Border – prophecies, poems and loqueras for the end of the century**. São Francisco: City Light, 1996.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. **Dangerous Border Crossers**. Londres: Routledge, 2000.

GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, Encarna. **Deconstruir la frontera o dibujar nuevos paisajes: sobre la materialidade de la frontera.** Madrid: Política y Sociedad, nº36, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÍA, Elizabeth. **El adíos a una revolucionaria trans.** María Cafferata. Entrevista para Diario Publicable, 2014. Disponível em: <http://www.diariopublicable.com/sociedad/2245-adios-revolucionaria-trans-effy.html> (acessado em 21/02/2017)

MOTT, Luiz. **A homossexualidade entre os índios do Novo Mundo antes da chegada do homem branco.** In: Ivo Brito et al. Sexualidade e saúde indígenas. Brasília: Paralelo 15, 2011.

PELÚCIO, Larissa. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?.** Salvador: Revista Periódicus, 1ª edição, maio-outubro 2014.

PERRA, Hija. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma.** Salvador: Revista Periódicus, 2ª edição, novembro 2014 - abril 2015.